

promessa mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*O amor traz a uma mulher
quase toda a má sorte do mundo.*

WILL A C A T H E R



*Um pouco mais do que parente,
e menos do que aparentado.*

WILLIAM SHAKESPEARE

P R Ó L O G O



Quando atendeu o *link*, era uma mulher morta. Não questionou a pessoa do outro lado da linha, nem a urgência do pedido. Na verdade, uma sensação de prazer e excitação invadiu-a, ao mesmo tempo que punha de parte os seus planos para se deitar cedo. Com movimentos tão graciosos quanto eficientes, vestiu-se depressa, reunindo aquilo de que precisava.

Atravessou o seu bonito apartamento, diminuindo a intensidade das luzes, e não se esqueceu de pôr a dormir o pequeno gato-robô que o seu amante lhe oferecera, para lhe fazer companhia.

Dera-lhe o nome de *Sachmo*.

O gato miou, piscou os seus olhos verdes brilhantes e enroscou-se numa bola. Ela acariciou-lhe o pelo branco luzidio.

— Não me demoro — sussurrou-lhe, fazendo uma promessa que ela não sabia que não iria cumprir.

Abriu a porta e olhou em redor, sorrindo para o ramo de rosas vermelhas, dramaticamente abertas, na mesa junto à janela. E pensou em Li.

Trancou a porta pela última vez. Como era seu hábito, desceu pela escada. Era uma mulher esguia, atlética, com olhos de um azul profundo. O cabelo louro caía-lhe para trás dos ombros, como um pano de boca num teatro, a emoldurar um rosto encantador. Tinha trinta e três anos, e estava feliz com a sua vida, dando os primeiros passos num romance com um homem que lhe oferecia rosas e gatinhos.

Via Nova Iorque, aquela vida, aquele homem como um novo capítulo, um capítulo que ela queria percorrer, página a página, e descobrir.

Afastou esse pensamento para se concentrar no que precisava de fazer, para ir aonde tinha de ir. Menos de dez minutos depois de receber a chamada, descia o segundo lance de escada e virava para o seguinte.

Quando a pessoa que a vinha matar lhe apareceu no caminho, ela precisou de um instante para se aperceber do movimento. E houve mais um instante de surpresa quando reconheceu a cara. Mas não teve tempo de falar antes de a *stunner* atingir na barriga e a fazer cair.

Acordou com um sobressalto, um ardor na pele e no sangue. Um salto da escuridão para a luz. O tiro da *stunner* deixara-lhe o corpo dormente, inútil, embora a sua mente estivesse agora bem desperta. Dentro da sua concha paralisada, ela lutava, debatia-se. Olhou fixamente os olhos que tinha diante de si. Os olhos de uma pessoa amiga.

— Porquê? — A pergunta saiu-lhe num fio de voz, mas tinha de ser feita. Tinha de haver uma resposta. Havia sempre uma resposta.

Teve a resposta quando morreu, na cave que ficava cinco andares abaixo do seu bonito apartamento, onde as rosas exibiam as suas pétalas vermelhas e onde um gatinho ronronava a dormir.

C A P Í T U L O 1



Eve saiu do duche e entrou no tubo de secagem. Enquanto o ar quente a envolvia, fechou os olhos e gozou o momento. Dormira oito horas e acordara cedo o bastante para desfrutar daquilo que para ela era hidroterapia.

Nadara trinta piscinas, depois passara pela banheira de hidromassagem e terminara com um duche quente de vinte minutos. Uma bela maneira de começar o dia.

Na véspera tivera um dia de trabalho produtivo, visto que fechara um caso em duas horas. Se um tipo queria matar o seu *melhor amigo* e fazer o crime passar por um assalto, não era boa ideia ser apanhado a usar o relógio de pulso do amigo morto, que ainda por cima tinha uma inscrição gravada.

Também fora a tribunal testemunhar sobre um caso anterior, e nem a postura, a pose e a pontificação do advogado de defesa tinham feito o seu testemunho tremer por um instante que fosse.

Para terminar um dia em cheio, jantara em casa com o marido, vira um filme. E tivera uma excelente sessão de sexo antes de desligar durante oito horas seguidas.

A vida, de momento, não estava a correr nada mal.

Quase a cantarolar, pegou no roupão que estava pendurado na porta — depois parou, franziu o sobrolho e examinou-o. Era curto e de seda, e da cor de amoras.

Tinha a certeza de que nunca o vira antes.

Encolhendo os ombros, vestiu-o e saiu para o quarto.

Uma boa manhã podia sempre ficar melhor, pensou, e ali estava o motivo no topo da lista. Roarke a beber café no sofá do quarto, enquanto lia os relatórios matinais da bolsa no ecrã.

Ali estavam as mãos que tinham feito magia na noite anterior, uma a segurar a chávena de café, outra a afagar, distraidamente, o gato preguiçoso. Os olhos bicolores de *Galahad* eram fendas de êxtase — Eve bem o compreendia.

Aquela boca maravilhosamente esculpida enlouquecera-a, fizera-a gritar de prazer, e deixara-a exausta e satisfeita.

Estavam perto do segundo aniversário de casamento, e a paixão não dava sinais de esmorecer. Como para o provar, o coração de Eve saltou-lhe no peito quando Roarke virou a cabeça e pousou aqueles olhos azuis ousados nos dela.

Ele sentiria o mesmo?, perguntou-se Eve. Seria possível que sentisse aquilo de cada vez? Todas as vezes?

Ele sorriu, como se lhe lesse a alma, e o prazer cobriu aquela cara que, pensava Eve, tolamente, devia fazer os deuses chorar de alegria ao contemplarem a sua obra.

Roarke levantou-se, alto e esguio, foi ter com ela, e segurou-lhe a cara entre as mãos. Um toque leve daqueles dedos hábeis na sua pele, antes de as suas bocas se encontrarem e tornarem uma bela manhã ainda melhor.

— Café? — perguntou ele.

— Sim. Obrigada. — Eve era uma polícia experiente, chefe da Divisão de Homicídios, uma cabra dura, segundo a sua própria definição. E naquele momento tinha os joelhos como gelatina. — Acho que devíamos tirar uns dias. — Roarke programou café no AutoChef e, se Eve conhecia bem o seu homem, havia de querer que ela comesse. — Talvez em julho. Pelo nosso aniversário. Se conseguires arranjar tempo entre o domínio do mundo e aquisições planetárias.

— Tem piada falares nisso. — Pousou a chávena dela na mesa, depois dois pratos. Ao que parecia, o menu daquela manhã consistia em ovos e *bacon*. *Galahad* remexeu-se no sofá e abriu os olhos.

Roarke limitou-se a apontar-lhe um dedo e a dizer, com firmeza:

— Não. — O gato virou o seu corpo gorducho para o outro lado. — Estava a pensar que devíamos tirar algumas semanas.

— O quê? Nós? Fora? Semanas? Não posso...

— Sim, sim, o crime há de dominar a cidade em julho de 2060,

reduzindo-a a cinzas fumarentas, se a tenente Dallas não estiver cá para servir e proteger os seus cidadãos. — Naquela voz entretecia-se a névoa mágica da Irlanda, enquanto ele pegava no gato inerte e o pousava no chão, dando a Eve espaço para se sentar no sofá.

— Talvez — resmungou ela. — Além disso, não vejo como podes ir para fora durante semanas quando tens de gerir noventa por cento dos negócios do universo conhecido.

— Não é mais de cinquenta. — Roarke pegou novamente na sua chávena, esperando que ela se fosse sentar junto dele. — Seja como for, de que serve ter tudo isso, e ter-te a ti, minha querida Eve, se não posso passar umas férias contigo, longe do teu trabalho e do meu?

— Acho que posso tirar uma semana.

— Eu estava a pensar em quatro.

— *Quatro?* Quatro semanas? Isso é um mês.

Os olhos dele riam-se por cima da chávena.

— Será? Acho que tens razão.

— Não posso tirar um mês. Um mês é... um mês.

— Por oposição a quê? A um frango?

— Ah-ah. Escuta, talvez consiga uns dez dias, mas...

— Três semanas.

A testa de Eve enrugou-se.

— Tivemos de cancelar planos para fins de semana fora duas vezes este ano. Uma vez por causa do teu trabalho, outra por causa do meu. Três semanas.

— Não poderia tirar mais de duas semanas, mesmo que...

— Duas e meia. Dividimos a diferença. — Passou-lhe um garfo.

Eve franziu o sobrolho.

— Duas semanas e meia era o que querias desde o início.

Ele segurou-lhe a mão, beijou-a.

— Não deixes os teus ovos arrefecerem.

Eve já sacara confissões a assassinos empedernidos, e ameaçara informadores desprezíveis para os fazer falar, mas nunca conseguiria uma vitória total numa negociação com Roarke.

— E aonde iríamos, nessas famosas duas semanas e meia?

— Aonde gostavas de ir?

Ela sorriu. Quem precisava de uma vitória total?

— Vou pensar nisso.

Eve comeu e vestiu-se, satisfeita por se ter permitido *desfrutar* do

momento. Enquanto colocava o coldre da arma, pensou beber mais uma chávena de café antes de se dirigir para a baixa, onde ficava a Central de Polícia.

O seu *link* deu sinal. Tirou-o do bolso e, ao ler Centro de Mensagens no ecrã, entrou de imediato em modo polícia.

Roarke observava-a. Sempre o maravilhara a forma como aqueles olhos cor de uísque passavam de tranquilos, até risonhos, a inexpressivos e vazios. Agora ela estava direita, o corpo alto e magro, as pernas compridas afastadas, botas fincadas no chão. A sua cara, com todos aqueles ângulos encantadores, não tinha qualquer expressão. A boca generosa, onde momentos antes se desenhava um sorriso, ficara séria.

— Dallas.

Centro de mensagens, Dallas, tenente Eve. Dirija-se a 525 West 23rd Street, cave de prédio de habitação. Possível homicídio, vítima sexo feminino. Agentes no local.

— Mensagem recebida. A caminho. Contactar Peabody, inspetora Delia. Encontro-me com ela no local.

— Bem, pelo menos tomaste o pequeno-almoço — comentou Roarke quando Eve enfiou o comunicador no bolso. Passou-lhe, ao de leve, um dedo pela covinha no queixo.

— Sim. Já não vou beber aquela última chávena de café. Pensando bem, a mulher em West 23rd Street, também não.

O trânsito estava terrível. A primavera, disse Eve para consigo, avançando ameaçadoramente pelas ruas apinhadas, era o tempo dos narcisos e de novos turistas. Seguiu lentamente até à 7th, onde o trânsito lhe deu tréguas nos dez quarteirões seguintes. Tinha as janelas abertas, e o ar com os cheiros da cidade soprava-lhe na cara e sacudia-lhe o cabelo castanho curto.

Os carros-deslizantes emanavam aromas de pastel de ovo e café com borras, e uma nuvem de pó vinha do passeio, onde uma equipa trabalhava com martelos pneumáticos. O ruído das obras, a sinfonia de buzinas num novo congestionamento, e o som de passos, quando uma multidão atravessou a rua, criavam aquela música urbana tão familiar a Eve.

Viu os vendedores ambulantes, que teriam ou não licença, armarem as suas mesas, na esperança de apanharem as pessoas a caminho do trabalho ou turistas que fossem tomar o pequeno-almoço. Bonés e *t-shirts* tinham substituído as luvas e os cachecóis grossos de inverno. Os

mercados já estavam abertos, e exibiam bancas de fruta ou flores, arranjos coloridos que alimentavam o corpo e a alma.

Uma transgénero, que devia ter perto de dois metros de altura, com os seus sapatos azuis de salto agulha, aproximou-se de uma banca. Sacudiu a sua cascata de cabelo louro para trás dos ombros e tocou delicadamente um melão, para ver se estaria maduro. Parada junto aos semáforos, Eve viu uma mulher muito pequena, que certamente teria mais de cem anos, parar a sua *scooter* junto à banca. A transgénero e a centenária tagarelaram amigavelmente enquanto escolhiam fruta.

Uma pessoa só podia adorar Nova Iorque, pensou Eve, quando o sinal ficou verde. E quem não adorasse, mais valia pôr-se a andar.

Avançou a custo até ao bairro Chelsea, em perfeita sintonia com a sua cidade.

Ao chegar ao número 525, estacionou em segunda fila e ligou o seu sinal Em Serviço, ignorando os palavrões e gestos ofensivos que lhe eram dirigidos por nova-iorquinos como ela. Na cidade, a vida e a morte raramente eram uma viagem tranquila.

Prendeu o distintivo ao casaco, tirou o seu *kit* de material da bagageira e foi ao encontro do agente policial que estava à porta do edifício.

— O que temos?

— Corpo na cave, sexo feminino, cerca de trinta anos de idade. Não foram encontrados documentos de identificação, joias ou mala de mão. A vítima está vestida, pelo que não parece tratar-se de um crime sexual. — Enquanto falava, o agente conduzia Eve para o interior. — Um inquilino e o filho encontraram-na quando iam buscar a bicicleta do miúdo à arrecadação. Parece que o miúdo tem estado de castigo. Seja como for, eles é que nos alertaram. O tipo acha que ela talvez vivesse aqui, ou perto. Disse que era capaz de já a ter visto antes, mas não tinha a certeza. Levou dali o miúdo o mais depressa que pôde, e não olhou bem para ela.

Desceram uma escada, botas e sapatos de polícia a tinir no metal.

— Não vi arma nenhuma, mas ela tem queimaduras aqui. — Levou os dedos às suas carótidas. — Parecem marcas de *stunner*.

— Quero dois agentes a bater às portas. Quem viu o quê e quando. Certifique-se de que o inquilino e o filho estão em segurança. Nomes?

— Burnbaum, Terrance. O miúdo chama-se Jay. Estão sob vigilância no apartamento 602.

Eve anuiu para os dois agentes junto ao local do crime, ligou o seu gravador.

— Dallas, tenente Eve, no local, 525 West 23rd. A minha parceira está a caminho. Verifiquem se o prédio tem um supervisor ou responsável residente. Se for o caso, quero falar com ele.

Olhou em redor. Chão de cimento, arrecadações gradeadas, canos, teias de aranha. Não havia janelas ou portas. Nem câmaras de segurança.

— Vou precisar dos discos das câmaras nos acessos e nas escadas. Encontrem o responsável pelo prédio.

Atraíram-na aqui, pensou Eve, abrindo o *kit* e retirando a lata de *Seal-It*. *Ou forçaram-na a descer. Talvez tenha vindo buscar alguma coisa e tenha sido atacada. Não tinha outra saída.*

Observou o corpo de onde se encontrava, enquanto cobria as mãos e as botas com selante. Era uma mulher magra, mas não parecia frágil. A cabeça estava virada para o outro lado, com cabelo louro a cobrir-lhe a cara. O cabelo brilhava, e as roupas eram de boa qualidade.

Não era uma mulher da rua, pensou Eve. Não com aquele cabelo, aquelas roupas, as unhas bem pintadas, na mão que Eve podia ver.

— A vítima está deitada sobre o lado esquerdo, de costas para a escada. Não há marcas visíveis no chão de cimento, que parece limpo. O Burnbaum deslocou o corpo?

— Ele diz que não. Diz que se aproximou para lhe sentir o pulso. Ela estava fria, não tinha pulsação, e ele percebeu logo. Apressou-se a tirar o miúdo daqui.

Eve rodeou o corpo, agachou-se. Algo fez soar um alarme no seu cérebro, um misto de náusea e medo no seu íntimo. Levantou a cortina de cabelo.

Por um segundo, um segundo cortante, Eve sentiu-se gelar.

— Raios. Raios. Ela é polícia.

O agente que ficara no local avançou.

— Polícia?

— Sim. Coltraine, Amaryllis. Preciso da confirmação, agora. Dê-me uma morada. Inspetora Coltraine. Filho da mãe.

Morris, pensou Eve. *Oh, merda.*

— Ela mora aqui, tenente. Apartamento 405, neste prédio.

Eve verificou as impressões digitais, porque a identificação tinha de ser feita, tinha de ser oficial. A náusea e o medo deram lugar a uma raiva fria.

— A vítima foi identificada como Coltraine, inspetora Amaryllis. NYPSPD¹. Residente nesta morada, apartamento 405.

Eve afastou o casaco leve.

— Onde está a tua arma, Coltraine? Onde está o raio da arma? Foi a arma do crime? Acabaram contigo usando a tua arma? Não há ferimentos defensivos visíveis, a roupa parece intacta. Não há sinais de violência no corpo, à exceção das queimaduras de *stunner* na garganta. Ele atingiu-te na garganta com a tua arma, não foi? Potência máxima.

Ouviu passos na escada, e olhou para a sua parceira, que descia. Peabody trazia a frescura da primavera. Tinha a cara quadrangular emoldurada pelo cabelo escuro, com as pontas reviradas no pescoço. Usava um *blazer* cor-de-rosa e *skids* cor-de-rosa, e Eve teria comentado energicamente aquela escolha de cor se as circunstâncias fossem outras.

— Foram simpáticos em esperar que o nosso turno começasse oficialmente — disse Peabody, num tom animado. — O que temos?

— É a Coltraine, Peabody.

— Quem? — Peabody aproximou-se, olhou para o corpo e as suas faces rosadas empalideceram de repente. — Oh, meu Deus. Oh, Deus. É a namorada do... Oh. Não.

— Ela não tem a arma. Pode ser a arma do crime. Se estiver aqui, temos de a encontrar.

— Dallas.

Os olhos de Peabody inundaram-se. Eve compreendia aquelas lágrimas, também as sentia na sua garganta. Mas abanou a cabeça.

— Isso fica para mais tarde. Mais tarde. Agente, quero que leve um colega e que inspecionem o apartamento dela, certifiquem-se de que não está lá ninguém. Em qualquer dos casos, quero saber. Agora.

— Sim, tenente. — Eve detetou-o na voz dele: não lágrimas, mas uma raiva contida. A mesma raiva que ela sentia às voltas no estômago.

— Dallas, como lhe vamos dizer?

— Concentra-te na cena do crime. Isto é o que fazemos agora. Isso é o que vem depois. — E também não tinha a resposta. — Procura a arma, o coldre, qualquer objeto que possa ser dela. Concentra-te no local, Peabody. Eu encarrego-me do corpo.

Com as mãos firmes, Eve tirou o aparelho de que precisava, começou

¹ Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, do original *New York Police and Security Department*. (N. de T.)

a trabalhar. E ignorou a pergunta que lhe assaltara o pensamento: como diria ao médico-legista-chefe, ao seu amigo, que a mulher que lhe fizera brilhar os olhos estava morta?

— Hora da morte, 23h40.

Quando terminou, Eve endireitou-se.

— Encontraste alguma coisa? — perguntou a Peabody.

— Não. São tantas arrecadações. Se o assassino quisesse deixar a arma e escondê-la aqui, tinha muitos sítios à escolha.

— Vamos chamar a equipa forense. — Eve friccionou o espaço entre os olhos. — Temos de falar com o tipo que comunicou o incidente, e com o filho dele, e precisamos de inspecionar o apartamento dela. Não podemos levá-la enquanto o Morris não souber. Ele não pode descobrir assim.

— Não. Meu Deus, não.

— Deixa-me pensar. — Eve pôs-se a olhar fixamente para a parede. — Vê em que turno ele está. Não a enviamos para a morgue enquanto...

— Os agentes já sabem que ela era polícia, Dallas. A notícia vai começar a espalhar-se. Polícia. Mulher. Esta morada, ou este bairro. Se o Morris ouvir alguma coisa...

— Merda. Tens razão. Tens razão. Continua o trabalho aqui. Os agentes estão com o Terrance Burnbaum e o miúdo no 602. Fala com eles primeiro. Não os deixes levarem-na daqui, Peabody.

— Não, não deixo. — Peabody leu o texto no ecrã do seu portátil minúsculo. — Menos um problema: o Morris está no turno do meio-dia às oito. Não vai para a morgue tão cedo.

— Eu vou a casa dele. Eu trato disto.

— Oh, Dallas — disse Peabody, numa voz trémula. — Meu Deus.

— Se terminares no 602 antes de eu voltar, começa a inspecionar o apartamento dela. Vamos passá-lo a pente fino, Peabody. — Os passos a dar, lembrou Eve a si própria. Não deixar nada por fazer. A tristeza ficava para mais tarde. — Contacta a DDE², mas dá-me algum tempo de avanço. Todas as comunicações dela, todos os seus dados. Os agentes estão à procura do responsável pelo prédio; vamos confiscar os discos da segurança. Não...

— Dallas. — Peabody interrompeu-a amavelmente. — Eu sei o que fazer. Foste tu que me ensinaste. Eu encarrego-me dela. Podes confiar em mim.

² Divisão de Detecção Eletrónica. (N. de T.)

— Eu sei. Eu sei. — Eve libertou, a custo, o ar que não lhe queria sair da garganta. — Não sei o que vou dizer ao Morris. Como o vou dizer.

— Não há uma maneira fácil.

Não podia haver, pensou Eve. Não devia haver.

— Ligo-te quando... quando estiver feito.

— Dallas. — Peabody estendeu um braço, segurou a mão de Eve. — Diz-lhe... se achares bem... diz-lhe que lamento. Que lamento muito.

Anuindo, Eve começou a subir a escada. O assassino fizera aquele caminho, pensou. Era a única saída. Subira aquela mesma escada, passara aquela mesma porta. Voltou a abrir o seu *kit*, sem saber, ao certo, se estava a ganhar tempo ou apenas a fazer o seu trabalho. Mas tirou os micro-óculos, observou a fechadura, a ombreira da porta, e não detetou sinais de entrada forçada.

Podia ter usado o cartão magnético de Coltraine, pensou Eve. A não ser que já lá estivesse, e que a tivesse atacado depois de ela descer.

Raios, raios, não conseguia *ver* o que acontecera. Não conseguia libertar a sua mente para ver. Subiu até ao nível seguinte, repetiu o processo na porta das traseiras do edifício, e chegou à mesma conclusão.

Um inquilino, alguém que um inquilino deixara entrar — talvez a própria vítima —, alguém com um cartão-mestre ou um grande talento para manipular fechaduras.

Olhou para a câmara de segurança sobre a porta das traseiras. Depois, fechou a porta, colocou o selo, e voltou-se para um dos agentes que vinha em passo de corrida ao seu encontro.

— Não está ninguém no apartamento, tenente. Cama feita, não há louça por lavar. Tudo limpo e arrumado. As luzes estavam acesas, em baixa intensidade. Ela, eh, tinha um gato-robô. Estava em modo de sono.

— Viu a arma dela, o distintivo?

Os maxilares dele contraíram-se.

— Não, tenente. Encontrámos um cofre no roupeiro. Espaço suficiente para duas armas, dois coldres. Estava vazio. Não estava trancado. Não vi o distintivo dela, tenente. Não procurámos, mas...

— O que faz ao seu distintivo quando não está de serviço à noite, agente... Jonas?

— Ponho-o em cima da cómoda.

— Exato. Arma trancada, distintivo sobre a cómoda. Talvez em cima do cofre; num local de fácil acesso, em todo o caso. A inspetora Peabody fica responsável pelas operações. Não quero que o nome da vítima se

saiba, está a ouvir? Não quero uma fuga de informação. O nome dela só se vai saber quando eu der autorização. Entendido?

— Sim, tenente.

— Ela é polícia. Merece esse respeito.

— Claro, tenente.

Eve saiu para a rua, e ficou parada no passeio, a respirar. Deixou-se ficar ali apenas a respirar. Olhou para cima, viu nuvens a cobrir o céu. Cinzento sobre o azul. Fazia sentido, pensou. Fazia todo o sentido.

Caminhou até ao carro, abriu a porta. Bloqueado pelo veículo dela, um condutor pôs a cabeça de fora da janela do carro e agitou um punho para Eve.

— Malditos polícias! — gritou. — Pensam que são donos das ruas ou quê?

Eve imaginou-se a ir direita à janela, a esmurrar a cara do homem. Porque um dos polícias que ele estava a amaldiçoar encontrava-se sem vida no chão de cimento de uma cave sem janelas.

Algum do sentimento devia ter transparecido na expressão de Eve, no seu olhar duro e frio. O homem pôs a cabeça para dentro, subiu o vidro, trancou as portas.

Eve fitou-o ainda um momento, viu-o encolher-se atrás do volante. Depois, entrou no carro, desligou o sinal e arrancou.

Teve de consultar a morada de Morris, usando o computador de bordo. Estranho, pensou. Nunca estivera em casa dele. Considerava-o um amigo, um bom amigo — não apenas um colega ou conhecido. Mas raramente conviviam à margem do trabalho. Porque seria?

Talvez porque ela resistia ao convívio como à extração de um dente? Sim, talvez.

Sabia que ele gostava de música, especialmente de *jazz e blues*. Tocava saxofone, vestia-se como uma estrela de *rock* elegante e a sua mente estava repleta de trivialidades interessantes, muitas vezes incompreensíveis.

Tinha humor e profundidade. E um grande respeito pelos mortos. Uma grande compaixão por aqueles que os mortos deixavam para trás.

Agora, a vítima era uma mulher que ele... tê-la-ia ele amado?, perguntou-se Eve. Talvez, talvez. Não havia dúvida de que ele gostava muito daquela mulher, da polícia que estava morta. E agora era ele a pessoa que ficava para trás.

As nuvens trouxeram uma chuva ligeira de primavera, daquela que não batia no limpa-para-brisas, apenas o salpicava. Se a chuva durasse

ou aumentasse de intensidade, os vendedores abriam chapéus sobre as bancas. A magia do comércio nova-iorquino. O tráfego de veículos abrandaria; o tráfego pedonal acelerar-se-ia. E durante algum tempo, as ruas brilhariam como espelhos negros. Os traficantes de droga cobririam a cabeça com capuzes e continuariam a fazer negócio, ou aguardariam junto às portas que a tempestade passasse. Mais de uma hora de chuva? Seria mais fácil encontrar um diamante no passeio do que um táxi livre.

Bendita Nova Iorque, pensou Eve, quando não nos comia vivos.

Morris vivia no Soho. Era de calcular. Havia algo de boémio, de exótico, de artístico no homem que escolhera ser médico dos mortos.

Ele tinha uma tatuagem da Morte com a foice, recordou-se Eve, que ela vira inadvertidamente quando lhe ligara a meio da noite, e ele não se dera ao trabalho de bloquear o vídeo. Embora estivesse nu e coberto apenas por um lençol.

O homem era *sexy*. Não admirava que Coltraine tivesse...

Oh, Deus. Oh, Deus.

Tentou ganhar tempo, não o pôde evitar, procurando um lugar de estacionamento na rua. Os artistas cobriam as suas obras ou tiravam-nas das pequenas bancas para fugirem com elas da chuva. Os que tinham demasiado estilo para se contentarem com as lojas da moda viviam ali, entre os *lofts* e restaurantes diversos, as discotecas e outros locais noturnos sofisticados.

Eve encontrou um lugar, a três quarteirões da casa de Morris. E caminhou sob a chuva, enquanto outros apressavam o passo à sua volta, procurando abrigo para não se molharem.

Chegou à porta principal, ia tocar à campainha. Não foi capaz. Se a visse no monitor, Morris teria tempo para pensar, ou talvez a questionasse, e ela não poderia responder. Então, violou a privacidade dele e usou o seu cartão-mestre para entrar no pequeno átrio partilhado pelos vários *lofts*.

Subiu a escada, para ganhar mais algum tempo, e andou em círculos à porta dele. Como lhe diria?

Não podia usar as palavras habituais. Não podia ser o formal *Lamento informá-lo... Sinto muito a sua perda*. Não ali, não com Morris. Rezando para que algo lhe ocorresse, para que de algum modo saíssem as palavras certas, tocou à campainha.

Naquele tempo de espera, sentiu a pele gelar, o coração a bater com força. Ouviu a fechadura abrir-se, a luz do sistema de segurança passar do vermelho ao verde.

Ele abriu a porta e sorriu-lhe.

Tinha o cabelo solto. Eve nunca o vira de cabelo solto, a cair-lhe pelas costas, sem estar preso numa trança. Usava umas calças pretas, uma *t-shirt* preta. Os seus olhos exóticos estavam um pouco sonolentos. Tal como a sua voz, quando a cumprimentou.

— Dallas. O inesperado à minha porta, numa manhã de chuva.

Eve viu curiosidade. Não sobressalto, nem preocupação. Sabia que a sua cara não lhe revelara nada. Ainda não. Mais um segundo ou dois, pensou. Só mais alguns segundos, antes de lhe partir o coração.

— Posso entrar?

C A P Í T U L O 2



As paredes exibiam uma mistura eclética de quadros, desde formas estranhas em cores fortes, ousadas, a elegantes desenhos a carvão de mulheres mais ou menos despidas.

Era um espaço aberto, com a cozinha em preto e prateado a fluir para uma zona de jantar decorada num vermelho-vivo, que, por sua vez, tinha ligação à zona de estar. Uma escada prateada aberta serpenteava para o segundo piso, igualmente aberto e delimitado por um corrimão reluzente.

Havia no *loft* uma sensação de movimento, talvez criada pela energia de toda aquela cor, pensou Eve, ou pelos fragmentos dele e dos seus interesses ali expostos.

Jarras, garrafas, pedras e fotografias competiam por espaço com livros — não admirava que Morris e Roarke se entendessem tão bem — e instrumentos musicais, esculturas de dragões, um pequeno gongo de latão, e o que Eve julgou ser um esqueleto humano verdadeiro.

Fitando-a, Morris indicou o comprido sofá sem braços.

— Não queres sentar-te? Posso oferecer-te um café aceitável. Nada tão bom como aquilo a que estás habituada.

— Não, obrigada. — Mas, em pensamento, Eve disse *sim, vamos tomar um café. Vamos esquecer isto.*

Morris segurou-lhe a mão.

— Quem morreu? É um dos nossos. — Os seus dedos apertaram os de Eve. — A Peabody...

— Não. A Peabody... não. — Estava só a tornar tudo pior, pensou. — Morris, foi a inspetora Coltraine.

Pela sua cara, viu que ele não compreendera, que não associara a pergunta à resposta. Havia uma única coisa a fazer. Apunhalá-lo no coração.

— Ela foi morta na noite passada, Morris. Sinto muito.

Ele largou-lhe a mão, deu um passo atrás. Como se quebrando o contacto, pudesse pôr fim ao que estava a acontecer. Como se pusesse fim a tudo aquilo.

— A Ammy? Estás a falar da Amaryllis.

— Sim.

— Mas... — Morris impediu-se de negar o que acabava de ouvir. Eve sabia que perguntas o assaltavam: teria ela a certeza? Poderia haver um engano? Devia ser um engano. Mas Morris conhecia-a, e não desperdiçou as palavras. — Como?

— Vamos sentar-nos.

— Diz-me.

— Foi assassinada. Parece que usaram a arma dela. Ambas as armas estão desaparecidas. Vamos continuar à procura. Morris...

— Não. Ainda não. — A cara dele suavizara-se e não tinha qualquer expressão; era como uma máscara esculpida a partir de uma das pedras envernizadas que ele colecionava. — Diz-me só o que sabes.

— Ainda não sei muito. Ela foi encontrada esta manhã, na cave do seu prédio, por um vizinho e pelo filho dele. A hora da morte foi por volta das 23h40 de ontem. Não há sinais de luta nem no local do crime, nem no apartamento dela. Não há ferimentos visíveis, a não ser marcas de *stunner* na garganta. Ela não tinha documentos de identificação, nem joias, mala, distintivo ou arma. Estava completamente vestida.

Eve viu um ligeiro tremor na cara dele, uma onda sobre a pedra, e compreendeu. A violação tornava sempre o homicídio ainda mais brutal.

— Ainda não vi os discos de segurança, porque precisava de te dizer. A Peabody ficou no local.

— Tenho de mudar de roupa. Tenho de me vestir para ir lá. Para a ver.

— Não, não vais. Dizes-me em quem confias mais, escolhes alguém da tua máxima confiança, e essa pessoa faz a autópsia. Não vais ser tu.

— Não te cabe decidir. Sou o médico-legista-chefe.

— Eu sou a investigadora responsável. E ambos sabemos que a tua relação com a — engoliu a palavra «vítima» — inspetora Coltraine te

impede de trabalhar neste caso. Tira um minuto, tira os minutos que quiseses, para te conformares com isso. Não podes trabalhar neste caso, Morris, para teu bem e para o bem dela.

— Achas que não vou fazer nada? Que vou ficar de parte e deixar outra pessoa tocar-lhe?

— Não te estou a pedir que não faças nada. Mas estou a dizer-te que não vais fazer isto. — Quando ele lhe virou as costas, dirigindo-se para a escada, Eve segurou-lhe o braço.

— Vou impedir-te — disse-lhe, em voz baixa, e sentiu os músculos do braço dele vibrarem. — Dá-me um murro, grita, parte alguma coisa, o que for preciso. Mas vou impedir-te. Agora, ela é minha, também.

A raiva ardeu nos olhos de Morris, tornando-os negros. Eve preparou-se para um golpe, ia permiti-lo. Mas a raiva liquefez-se em dor. Desta vez, quando ele se virou, Eve deixou-o ir.

Morris foi até à janela ampla, comprida, de onde se via a azáfama e a vibração do Soho. Pousou as mãos no parapeito e inclinou-se, pondo nos braços algum do peso que as pernas não suportavam.

— O Clipper. — A voz dele parecia tão ferida como os olhos. — O Ty Clipper. Quero que seja ele a encarregar-se dela.

— Vou tratar disso.

— Ela usava, usava sempre um anel no dedo médio da mão direita. Uma turmalina cor-de-rosa quadrada, com turmalinas verdes mais pequenas, retangulares, dos lados. Um anel de prata. Os pais ofereceram-lho quando ela fez vinte e um anos.

— Está bem.

— Disseste que ela estava na cave do prédio. Não tinha razão para lá ir.

— Há arrecadações.

— Ela não tinha alugado nenhuma. Disse-me que cobravam uma quantia absurda por umas gaiolas mínimas. Ofereci-me para lhe guardar qualquer coisa de que ela precisasse, mas ela disse que ainda não tinha acumulado tanta coisa que precisasse de espaço extra. Porque estava ela na cave?

— Vou descobrir. Prometo-te. Morris, prometo-te que vou descobrir quem fez isto, e porquê.

Ele anuiu, mas continuou de costas, a olhar para o movimento, a cor, a vida da rua.

— Há uma parte de nós, quando temos uma ligação a polícias...

sejam amigos, amantes, ou até colegas... uma parte de nós que conhece o risco dessa ligação, do envolvimento. Já me passaram pelas mãos suficientes polícias mortos para eu ter consciência desses riscos. Mas temos de pôr esse medo de lado, temos de o afastar do pensamento, para manter a ligação. É o que fazemos, é o que somos. Mas sabemos, sabemos sempre que há esse perigo, e quando acontece, parece impossível.

» Quem conhece a morte melhor do que eu? Melhor do que nós? — acrescentou, voltando-se para ela. — E apesar disso, parece impossível. Ela era tão viva. E agora está morta.

— Alguém lhe tirou a vida. Eu vou descobrir quem foi.

Ele anuiu de novo, conseguiu caminhar até ao sofá, deixou-se cair.

— Eu estava a apaixonar-me por ela. Sentia que estava a acontecer... aquela queda longa, lenta. Queríamos levar as coisas com calma, desfrutar do momento. Ainda estávamos a descobrir-nos. Ainda estávamos naquela fase em que quando ela aparecia, ou quando lhe ouvia a voz, ou cheirava a sua pele, tudo em mim cantava.

Deixou a cabeça cair entre as mãos.

Consolar não era a sua melhor competência. Peabody, disse Eve para consigo, teria as palavras certas, o tom certo. Restava-lhe seguir a intuição. Foi até ao sofá, sentou-se ao lado dele.

— Diz-me o que posso fazer por ti, que eu faço. Diz-me do que precisas e eu trato disso. Li...

Talvez por ela ter usado o seu nome próprio, algo que nunca acontecia, Morris voltou-se para ela. E quando ele se voltou, Eve abraçou-o. Ele não chorou, não naquele momento, mas deixou a sua cara colada à dela.

— Preciso de a ver.

— Eu sei. Dá-me algum tempo. Vamos cuidar dela.

Ele recostou-se.

— Tens de fazer perguntas. Liga o gravador e faz as perguntas.

— Está bem. — Rotina, pensou Eve. Pois não era a rotina uma espécie de conforto? — Diz-me onde estavas ontem à noite entre as 21h00 e as 24h00.

— Trabalhei até perto da meia-noite. Fiz horas extraordinárias, para despachar papelada. Eu e a Ammy tencionávamos ir para fora alguns dias na próxima semana. Um fim de semana prolongado. Em Memphis. Fizemos uma reserva numa estalagem antiga. Íamos ver jardins, visitar Graceland, ouvir música. Falei com várias pessoas no turno da noite. Posso dar-te nomes.

— Não preciso. Vou confirmar e avançamos. Ela falou-te dos casos em que estava a trabalhar? Alguma coisa que a preocupasse?

— Não. Não falávamos muito de trabalho. Ela era uma boa inspetora. Gostava de encontrar respostas, era organizada e metódica. Mas não vivia para o trabalho. Não era como tu. O trabalho era aquilo que ela fazia, não o que a definia. Mas era esperta e competente. Sempre que as nossas funções se cruzavam, isso era evidente.

— E na sua vida pessoal? Ex-namorados?

— Envolvemo-nos pouco depois de ela ser transferida de Atlanta para aqui. E embora estivéssemos a levar as coisas com calma, a deixar isto... desenrolar-se, nenhum de nós estava com mais ninguém. Ela teve uma relação séria na faculdade. Durou mais de dois anos. Esteve envolvida com outro polícia durante algum tempo, mas disse-me que, por norma, preferia relações sem compromisso. Disse que eu estava a infringir a sua regra. Sei que houve alguém, alguém com quem ela teve um envolvimento sério, e sei que isso terminou antes da transferência dela para Nova Iorque.

— Queixou-se de vizinhos, de alguém do prédio que a estivesse a incomodar?

— Não. A Ammy adorava aquele pequeno apartamento onde morava. Dallas, ela tem família em Atlanta.

— Eu sei. Vou falar com eles. Queres que contacte alguém da tua parte?

— Não. Obrigado.

— Não trouxe um conselheiro de luto porque...

— Não quero um conselheiro de luto. — Morris pressionou os olhos com os dedos. — Tenho uma chave do apartamento da Ammy. Deves querer ficar com ela.

— Sim.

Esperou enquanto ele subia a escada e dava voltas ao quarto, até regressar com um cartão magnético.

— Ela tinha a chave do teu apartamento?

— Sim.

— Muda os códigos.

Ele respirou fundo.

— Sim, está bem. Preciso que me mantenhas informado. Preciso de estar envolvido nisto.

— Eu mantenho-te informado.

— Preciso de estar envolvido. Preciso disso.

— Deixa-me encarregar-me dessa parte. Eu contacto-te. Se precisares de falar comigo, estou disponível vinte e quatro por sete. Mas agora tenho de voltar ao trabalho, tenho de voltar para junto dela.

— Diz ao Ty... Diz-lhe que ponha Eric Clapton a tocar para ela. Qualquer um dos discos da minha coleção. Ela gostava especialmente da música dele. — Foi até ao elevador, abriu o gradeamento.

— Quem me dera que «sinto muito» significasse alguma coisa. A Peabody... pediu-me para te dizer o mesmo. — Eve entrou no elevador, e olhou-o nos olhos enquanto o gradeamento corria e a porta se fechava.

No caminho de regresso, ligou a Peabody.

— A equipa forense encontrou a arma?

— Não.

— Raios. Estou a ir para aí. Contacta a morgue. O médico-legista-chefe Morris atribuiu este caso ao médico-legista Ty Clipper. Pede-lhe que ponha Eric Clapton a tocar durante a autópsia.

— Oh, Deus. Como é que ele está? Como...

— Está a aguentar-se. Certifica-te de que compreendem as instruções do Morris. Estou a caminho do local. Tu e eu vamos inspecionar o apartamento dela, centímetro a centímetro.

— Ia agora para lá. Falei com o Burnbaum e com o miúdo. Não tinham nada a acrescentar. Os vizinhos foram questionados, mas não viram nada. O sistema de segurança...

— Pões-me ao corrente quando eu aí chegar. Dez minutos.

Desligou. Queria silêncio. Apenas silêncio, até os nós emocionais se desfazerem. Não seria útil a Amaryllis Coltraine se se deixasse perturbar pelo sofrimento nos olhos de um amigo.

Já no local, esperou que a equipa da morgue levasse o corpo do edifício.

— Ela vai diretamente para as mãos do médico-legista Clipper — disse Eve, num tom cortante. — É polícia. Tem prioridade.

— Sabemos quem ela é — disse um membro da equipa, voltando-se para Eve depois de o corpo ser colocado na carrinha. — Não era apenas polícia, era a namorada do Morris. Vamos cuidar bem dela, tenente.

Satisfeita com o que acabara de ouvir, Eve entrou no prédio, subiu a

escada até ao apartamento de Coltraine. Usando o cartão que Morris lhe dera, encontrou Peabody já no interior.

— Foi duro — disse Peabody, mal pousou os olhos nela. — Dá para ver.

— Então é melhor eu ultrapassar isto. Segurança?

— Dei uma vista de olhos rápida. Nada na porta das traseiras. Ele só pode ter entrado por aí, manipulando a câmara. A DDE está a analisar o sistema. A câmara da entrada principal esteve sempre a filmar. A Coltraine entrou por volta das 16h00, com uma pasta e um saco dum pronto a comer. Não tornou a sair. Não pela frente, em todo o caso. A escada tem câmaras, e foram comprometidas. Tanto a câmara das traseiras como as da escada foram desligadas entre as 22h30 e as 24h00. O elevador tem câmaras, e estiveram sempre a funcionar. Ela não usou o elevador. Um vizinho confirma que ela costumava subir e descer pelas escadas.

— O assassino tinha de a conhecer, tinha de conhecer a sua rotina. Apanhou-a na escada.

— Temos técnicos forenses a examinar tudo, de cima para baixo.

— Para a ter apanhado tão depressa, com tanta facilidade, o assassino tinha de saber que ela ia sair. Portanto, ou isso era outro hábito, ou ele a atraiu para fora de casa. Vamos ver as transmissões dela, mas se foi como estamos a pensar, ele ligou-lhe para o *link* de bolso, e depois levou-o consigo. Alguém que ela conhecia. Um amigo, um ex-namorado, um dos seus informadores, alguém que mora no prédio ou aqui perto. Alguém que a surpreendeu.

Eve olhou em redor.

— Impressões?

— Acho que ela não saiu daqui pela força. Está tudo demasiado arrumado... e aquele gatinho-robô? — Quando Peabody apontou, Eve franziu o sobrolho para a pequena bola de pelo adormecida. — Vi-lhe o histórico. Ela pô-lo em modo de sono às 23h18. Não é coisa que se faça quando se está em apuros.

Eve deambulou pela sala. Tinha um toque feminino, uma organização típica de mulher.

— O assassino contacta-a através do *link* de bolso. Vamos tomar um copo, ou tive uma discussão terrível com o meu namorado, vem até cá para eu te chorar no ombro. Não, não. — Abanando a cabeça, Eve entrou no pequeno quarto, onde havia uma montanha de almofadas sobre

a cama bem feita. — Ela tinha a arma. Quase todos os policiais preferem andar armados, mas não a vejo a levar uma arma para ir tomar um copo.

— Um informador. Encontra-te comigo aqui, à hora tal. Tenho uma cena para te contar.

— Sim, sim, é possível. Vamos falar com o chefe dela, com o seu parceiro, com a sua unidade, para saber no que ela estava a trabalhar. Podia ir encontrar-se com outro tipo de informador, ou com alguém em quem não confiava inteiramente. Então, levou a arma, por via das dúvidas. E mesmo assim foi surpreendida; nem conseguiu dar luta.

— Não esperava encontrá-lo na escada. Não está alerta, e ele apanha-a desprevenida.

Eve não disse nada. Precisava de refletir algum tempo, precisava de dar os passos.

— Vamos ver o que conseguimos encontrar aqui.

Estava na altura de deitarem mãos ao trabalho, revistar gavetas, armários, roupas, bolsos. Os mortos não tinham privacidade e, sendo polícia, pensou Eve, Coltraine teria compreendido e aceitado isso.

Encontrou a gaveta das coisas interessantes, na mesa de cabeceira — óleos corporais, alguns brinquedos —, e teve de bloquear a imagem que tentava infiltrar-se-lhe na cabeça, de Morris e Coltraine a rolares nus na cama.

— Ela gostava de roupa interior bonita — comentou Peabody, inspecionando outras gavetas. — *Lingerie* de qualidade. *Sexy*, feminina. Gostava de peças bonitas. Os frascinhos, os candeeiros, as almofadas. As gavetas dela estão organizadas, não são nada como as minhas. Ela não tem uma data de *tralha*, sabes? E o que está aqui não são conjuntos perfeitos, mas funciona tudo em conjunto. É um lugar cheio de coisas bonitas, para voltar à mesma palavra.

Eve aproximou-se de uma prática mesa de canto onde estava um centro de dados e comunicação. Tinha apenas uma gaveta estreita, onde Eve encontrou uma agenda eletrónica; todavia, ao tentar consultá-la, viu o acesso negado.

— Ela é polícia. Devia ter um código de acesso — concluiu Eve. — Precisamos que a DDE analise isto. Vamos levá-la.

Durante a busca, Eve ficou a conhecer melhor a vítima. Peabody tinha razão; ela gostava de coisas bonitas. Não demasiado vistosas ou elaboradas, apenas femininas. Mas não havia tralha, não havia excesso, e tudo estava no devido lugar. As rosas no quarto eram verdadeiras, e recentes.

Encontrou um guarda-joias onde estavam os cartões que vinham com as flores, todos de Morris. Ele dissera que mantinham uma relação exclusiva havia vários meses. No que tocava a flores, pelo menos, era verdade.

O que não queria dizer que ela não estivesse com mais ninguém. Quando uma mulher saía de casa àquela hora da noite, podia tratar-se de um encontro sexual.

No entanto, Eve não achava que fosse o caso. Vira Coltraine com Morris. Sentira a vibração entre eles.

— Prédio seguro — disse Eve, em voz alta. — Um bom apartamento, compacto, um gato-robô. Móvel e roupa de qualidade. Não em excesso. Ela é seletiva. Também não tem muitas joias, mas, mais uma vez, o que tem é bom.

— O mesmo em relação aos produtos para cabelo, à maquiagem — disse Peabody. — Sabia do que gostava, sabia o que funcionava para ela, e ficava-se por aí. Eu tenho uma gaveta cheia de batons, sombras e porcaria para o cabelo que já não uso. Perfume, ela só tem um. Há restos de comida chinesa no frigorífico, acondicionada em vácuo; alguns alimentos saudáveis, água engarrafada e sumos. Duas garrafas de vinho.

— Tem um amante, mas vive sozinha. O estojo de *toilette* masculino deve ser do Morris. Vamos confirmar com ele, em vez de o enviar já para o laboratório. A camisa de homem, os boxers, as meias e as calças parecem do estilo dele. Mas são poucas peças. Deviam passar mais tempo no apartamento dele. Deve ter o quádruplo da área deste, e fica numa zona de cafés, discotecas, restaurantes, galerias. Como é que o assassino sabia que ela estaria em casa ontem à noite? Andava a segui-la? Eu devia ter perguntado ao Morris quantas vezes estavam juntos, se tinham uma rotina.

— Estavas a dar-lhe algum tempo, Dallas. Depois fazemos o resto das perguntas.

— O assassino não esteve aqui. Seria perigoso. Para quê arriscar-se a ser visto? Não, não, ligou-lhe para o *link* de bolso.

— Podiam ter combinado previamente o encontro.

— Para quê correr esse risco? Ela podia comentar com alguém, com o Morris, com o seu parceiro, com o chefe. Vou encontrar-me com X esta noite, e agora nós estaríamos a interrogar o X em vez de nos perguntarmos quem será o tipo. O Morris estava a trabalhar, ela devia saber. Por isso, não vai ligar-lhe àquela hora para lhe dizer que vai sair. Limita-se a

pegar nas suas coisas, desliga o gato e sai. Ela conhecia o assassino, ou a pessoa que montou o esquema. Vamos chamar os técnicos forenses, e pôr a DDE a examinar os dispositivos. — Olhou para a sua unidade de pulso. — Passamos pela morgue antes de contactarmos a família.

— Eu faço isso. Tu falaste com o Morris — acrescentou Peabody. — Eu falo com a família dela.

— Está bem. Depois falamos juntas com o parceiro, a unidade, o chefe.

No carro, Peabody afundou-se no assento, olhando para fora através da janela.

— Dallas? Tenho uma coisa a incomodar-me, e não consigo livrar-me da sensação.

— Ficaste lixada e ressentida por ela andar com o Morris.

— Sim — admitiu Peabody, com alívio. — Nem sequer a conhecia, não sabia nada sobre ela, e dei comigo a pensar: quem é que esta pensa que é, para aparecer aqui a bambolear-se... até pensei na palavra *bambolear-se*, porque ela era do Sul... e para se meter com o nosso Morris? Estupidez minha, porque estou com o McNab e nunca tive nada com o Morris, à exceção da ocasional fantasia, que é admissível e perfeitamente saudável. Mas decidi que não gostava dela, só por causa disso. E agora ela está morta e sinto-me mal.

— Eu sei. Passa-se o mesmo comigo. Exceto a parte da fantasia.

— Acho que isso me faz sentir melhor. — Peabody endireitou-se no banco, observou o perfil de Eve. — Nunca tiveste nenhuma fantasia com o Morris?

— Não. Que raio de ideia.

— Só uma pequenina. Do estilo, ias à morgue uma noite, e os corretores estavam estranhamente vazios, então entras numa sala de autópsias e está lá o Morris. Nu.

— Não! Para de me encheres a cabeça com essa porcaria. — Mas, curiosamente, o peso que Eve sentia dentro de si diminuiu um pouco. — Tu e o McNab não têm sexo suficiente para evitar que tenhas fantasias lascivas com um colega? No raio da casa dos mortos?

— Não sei porquê. A morgue é arrepiante, mas o Morris é terrivelmente sensual. Eu e o McNab temos muito sexo. Ainda ontem à noite...

— Não quero ouvir.

— Foste tu que falaste nisso.

— O que mostra como as tuas fantasias doentias com o Morris me lixaram a saúde mental.

Peabody resolveu mudar de assunto.

— O Morris indicou alguém, especificamente, para o trabalho?

— O Clipper.

— O Die-For-Ty³? Já que estávamos a falar de sexo. Porque é que há tantos médicos-legistas bonzões?

— Um mistério que me tem dado que pensar ao longo da minha carreira.

— Não, a sério. O Clipper é *uau*. É *gay* e tem um companheiro, mas é um regalo para os olhos. O companheiro dele é artista. Pinta pessoas. Literalmente. Faz pintura corporal. Estão juntos há uns seis anos.

— Como é que sabes isso tudo?

— Ao contrário de ti, gosto de ouvir falar sobre a vida pessoal de cada um, especialmente quando isso envolve sexo.

— Pelo menos o Clipper não gosta de mulheres, por isso não vais ter fantasias sexuais.

Peabody franziu os olhos, com um ar pensativo.

— Acho que consigo contornar isso. Dois tipos nus, pintura corporal, eu. Oh, sim, as possibilidades são infinitas.

Eve deixou Peabody ter o seu momento. Era mais fácil pensar em sexo louco do que no homicídio de outro polícia, do que na dor de um colega e amigo.

O momento não tardou a passar. Quando chegaram à morgue e começaram a percorrer o longo túnel de mosaicos brancos, o seu estado de espírito mudou. Não era apenas morte, não era apenas homicídio. Eram os dentes afiados da perda pessoal a roer-lhes a objetividade.

Cruzaram-se com uma técnica que parou e depois enfiou as mãos nos bolsos da sua bata branca comprida.

— Eh... o Clipper está a usar a sala do Morris. Não sei se... se o Morris vai passar por cá, por isso, quando falarem com ele, talvez lhe possam dizer... Estamos todos aqui.

— Certo.

— Tudo o que pudermos fazer. — A técnica encolheu os ombros, impotente, disse: — Caraças —, e seguiu caminho.

Eve dirigiu-se para a sala de autópsias onde Morris costumava trabalhar. No seu lugar estava o médico-legista Ty Clipper, um homem musculoso com um metro e oitenta de altura, vestido com uma camisa

³ «Morrer-Pelo-Ty». (N de T.)

azul-clara e calças caqui. Tinha as mangas enroladas até ao cotovelo e uma capa transparente a cobrir-lhe a roupa.

Usava o cabelo muito curto. A pera bem aparada dava-lhe um toque ousado à aparência algo conservadora, e realçava-lhe a cara angulosa. Mas o que mais chamava a atenção em Clipper eram os seus olhos. Enormes, rasgados, da cor de âmbar cristalizado, contrastavam com a sua pele escura.

— Ainda não terminei. Desculpem. — A voz dele carregava vestígios da sua Cuba natal.

— O que me podes dizer?

— Ela não foi violada. Não há indícios de agressão ou atividade sexual. Isso será importante para o Morris.

— Será, sim. — Como um murmúrio de fundo, um homem cantava em jeito de súplica a alguém com o nome de Layla. — Eric Clapton?

— Sim.

— Isso também será importante para ele. — Afastou Morris do pensamento, deu alguns passos.

Coltraine encontrava-se sobre a mesa de autópsia.

— Não tem ferimentos defensivos. — Agora Eve observava o corpo como faria a qualquer prova. — Não há sinais de violência, a não ser as queimaduras na garganta.

— Há feridas superficiais nas omoplatas e na nuca. — Clipper indicou o ecrã do computador, abriu a imagem. — Compatíveis com um embate de costas numa parede.

— Ela foi empurrada.

— Possivelmente. A morte deu-se pouco depois. As queimaduras na garganta apontam para o uso de uma *stunner*, que terá sido pressionada contra essa zona. São queimaduras de contacto. Encontraram a arma dela?

— Não.

— Até ma trazerem, não posso confirmar se foi a arma do crime, ou se terá sido usada outra arma. Só vos posso dizer que as feridas são compatíveis com queimaduras de contacto causadas pelo modelo de arma da Polícia.

— Se era a arma dela, como é que o tipo a desarmou? Empurra-a, ela bate na parede. Não é o suficiente, não para uma polícia. Não há cortes, nem indícios de imobilização. — Visto que ele não lhos ofereceu, como Morris teria feito, Eve pegou nuns óculos-lupa e debruçou-se sobre o corpo, para o examinar. — Não tem esfoladelas nos pulsos ou nos tornozelos. Aqui. Aqui, nos bíceps. Seringa de pressão?

— Julgo que sim.

— Como é que ele se aproximou o suficiente para a drogar, sem ela resistir?

— Pedi o exame toxicológico com carácter urgente. É verdade que não há sinas de violência exteriores. Mas há interiores.

Eve ergueu os olhos para Clipper, depois voltou-se para observar o que o corte preciso em Y revelava.

— O que procuro?

— Os órgãos internos dela mostram sinais de perturbação.

— A morte faz isso. — Mas Eve seguiu-o, aproximando-se um pouco mais. — Ela levou um tiro?

— Preciso de realizar mais testes para ter a certeza. Sei que querem respostas rápidas — acrescentou quando Eve soprou de impaciência. — Mas...

Ela abanou a cabeça, obrigou-se a acalmar-se.

— Se o Morris te escolheu, é porque és rigoroso e metódico. Dá-me o teu melhor palpite. Não vou cobrar-te se estiveres enganado.

— Um tiro de *stunner* de longo alcance, de frente. A não mais de um metro, metro e meio de distância. No tronco.

— O que a teria feito cair para trás, inconsciente. Ela é atingida, bate de costas na parede... na escada, e desmaia. Ele tem de a levar para a cave. Não há indícios de que a tenha arrastado, por isso carregou-a. Ou talvez houvesse mais de um atacante. Levam-na para baixo. Porque não acabar com ela ali mesmo?

» Porque queriam algo mais, queriam dizer alguma coisa, queriam que ela dissesse alguma coisa — continuou Eve. — Então, ele... ou eles levam-na para baixo, põem-na consciente com um estímulo... anfetaminas, adrenalina. — Dor, pensou Eve, fazem-na sentir dor. Sentir-se impotente. O corpo paralisado, a mente desperta. — Para lhe dizerem alguma coisa, ou para lhe fazerem uma pergunta. E depois de terminarem, matam-na. Ela deve ter percebido o que ia acontecer. Quando lhe encostaram a *stunner* à garganta, deve ter percebido.

Eve tirou os óculos-lupa, atirou-os para o lado.

— Usaram a arma dela. Usaram-na para a matar, porque é mais insultuoso, mais humilhante. Emboscaram-se na escada, puseram-na inconsciente. Levaram-na para a cave, acordaram-na, acabaram com ela. Em cerca de vinte minutos. Foi rápido. Tiraram-lhe a arma, a identificação, o distintivo, o *link*, as joias. Porquê as joias? O resto faz sentido.

É profissional, mas levar as joias é coisa de amador. Porquê, então? Só porque podem? Porque querem? Recordações, lembranças?

— Para a deixarem sem nada? — Peabody verbalizou a pergunta. — É como se a despissem. Deixam-lhe a roupa, talvez porque não se trata desse tipo de poder ou violência, ou até desse tipo de humilhação. Mas levam o que é importante para ela, e deixam-na no chão. Sem nada.

— Talvez. — Eve anuiu. — Talvez. Não me parece que o Morris cá venha hoje — disse Eve a Clipper. — Mas se vier, faz o que tiveres de fazer, o que for preciso, para o manteres afastado enquanto ela estiver...

— Fica descansada.